

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT08.024

O CONTO NA SALA DE AULA: VIVÊNCIA LEITORA COM ALUNOS DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

JORDÂNIA DANTAS FREIRE

Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, jordania.dantas@estudante.ufcg.edu.br;

EDUARDA CARMÉLIA DA SILVA ALMEIDA

Graduada pelo Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, eduardacarmelia@gmail.com;

VANEIDE LIMA SILVA

Doutora pelo programa de Pós-graduação em Linguagens e Cultura da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, vaneidel.professora@gmail.com;

RESUMO

A Literatura em sala de aula ainda costuma ser explorada de maneira utilitária e pragmática. Apesar de muitos estudos apontarem as limitações dessa forma abordagem, persiste uma prática que não tem contribuído para a formação leitora dos estudantes da Educação Básica. A narrativa que comparece nos livros didáticos é fragmentada e as atividades propostas se restringem à aplicação de questionários que objetivam conduzir o aluno a apreender a mensagem do texto, limitando-se, desse modo, a uma abordagem meramente objetiva e desprovida da participação dos estudantes. Estes, por sua vez, não são conduzidos a perceber a ludicidade típica dos textos literários e, muito menos, a expor sua compreensão e posicionamento frente ao texto explorado. O contato com alunos do nono ano do Ensino Fundamental da Escola Cônego Sandoval confirmou essa falta de interação entre o texto literário e o leitor. A escola se situa no município de Brejo do Cruz, instituição onde desenvolvemos um subprojeto de Leitura como parte das atividades ligadas ao Programa de Iniciação à Docência – PIBID da

1 Este artigo foi resultado de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), financiada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

UEPB/Campus IV/Católé do Rocha, durante o ano de 2019. Num primeiro contato com os alunos, solicitamos que fizessem relatos de experiências significativas de leitura com textos literários e poucos conseguiram lembrar de uma experiência leitora que tivesse marcado a vivência de leitura deles. A aplicação de um questionário com questões ligadas à leitura demonstrou que estávamos diante de alunos pouco afoitos à leitura do texto literário. Decidimos, então, organizar uma experiência de leitura a partir do gênero conto, que objetivou instigar os alunos a uma prática leitora na qual teriam a oportunidade de interagir com o texto literário. Este artigo objetiva, portanto, relatar os passos dessa vivência, fundamentada teoricamente nos estudos de Cosson (2010), Souza (2011), Cunha (2003), dentre outros. Esperamos que a experiência relatada instigue e incentive outras propostas de leitura mais significativas a partir do texto literário.

Palavras-chave: Conto. Sala de Aula. Formação de leitores.

INTRODUÇÃO

A Literatura Infantil e Juvenil passou e vem passando por grandes transformações desde seu surgimento até o momento atual. A “nova” fase em que se encontra se caracteriza principalmente pela desvinculação do forte pedagogismo que marcou as primeiras publicações destinadas ao público infantil. Por conseguinte, se apresenta como uma produção destituída da instrução e do tom moralizante que por muito tempo permearam os textos destinados às crianças. Para tanto, os autores têm buscado incorporar novas linguagens, a exemplo do que podemos identificar nas obras de Ana Maria Machado e Lygia Bojunga Nunes, dois grandes expoentes da Literatura voltada para crianças e jovens.

A escola, local de aprendizagem e aquisição de conhecimentos, “toma” para si a responsabilidade de “formar” e instruir a criança tornando-a futuro cidadão, inserindo-a no mundo da leitura e da escrita. Sob essa ótica, a leitura literária aparece como uma forma “pouco” apreciada pelas crianças, pois sua principal função torna -se e restringe-se a apreensão do domínio da norma culta da língua, tirando o aspecto criativo, lúdico e transformador da Literatura. A esse respeito, Cosson (2010) declara:

O ensino da literatura cristalizou-se no uso supostamente didático do texto literário para ensinar uma gramática esterilizada da língua, e o que mais interessasse ao currículo escolar. A leitura da obra, quando realizada, serve apenas para discussões inócuas de temas vagamente inspirados pelo texto e o preenchimento de fichas de leituras padronizadas. As relações possíveis entre os textos foram perdidas pelo uso aleatório e excessivo de fragmentos ou nas seleções já organizadas pelos livros didáticos (COSSON, 2010, p. 57).

O fato é que o trabalho com o texto literário em sala de aula tem se mostrado bastante limitado, uma vez que as atividades de leitura se caracterizam como enfadonhas e desprovidas de prazer, pois o texto, em sua grande maioria, é utilizado como pretexto para o estudo de elementos extrínsecos, ao invés de contribuir para o despertar da sensibilidade do leitor em formação. A obrigação em torno da leitura a transforma em atividade chata que desmotiva a criança ou o adolescente a buscar novos textos, impedindo que se amplie a sua história de leitura. Podemos afirmar que essa abordagem ainda é bastante privilegiada quando se explora o texto literário, o que faz dele um suporte apenas para se ensinar regras de comportamento ou

dar lições de moral aos alunos. Há, portanto, que se pensar em uma metodologia que priorize o texto e valorize o posicionamento do aluno.

Sabemos que a literatura de forma geral estimula a imaginação da criança, auxilia no seu desenvolvimento pessoal de conhecer-se melhor, ao mesmo tempo em que amplia sua visão de mundo, desperta emoções e abre espaço para aguçar a capacidade de sonhar e imaginar. Segundo Souza (2011):

A literatura inicia a criança na palavra, no ritmo e na memória, desenvolvendo a competência literária [...]. Possibilita, também, a participação ativa sujeito como leitor fazendo dele um ser crítico, reflexivo, capaz de elaborar suas próprias interpretações, além de o auxiliar na construção dos símbolos e na convalidação dos sistemas de crenças e valores (SOUZA, 2011, p. 81).

A linguagem infantil tem uma poeticidade própria, natural, que aproxima a criança da poesia e permite que ela a reconheça e identifique-se com o texto poético. Isso acontece porque esse tipo de texto traz em sua composição vários elementos que estão presentes no cotidiano infantil, como as brincadeiras tradicionais ou inventadas, cantigas de rodas, acalantos, dentre outras particularidades que fazem parte do universo infantil e também da ludicidade do texto poético, a exemplo do ritmo, da musicalidade, das repetições e onomatopeias, para citar apenas alguns.

Ao entrar em contato com o universo poético, a criança amplia seu olhar sobre o existente, entrando em contato com novas vivências e experiências, diferentes de seu ambiente familiar, linguístico e social; além de expandir o seu nível semântico, pois as palavras passam a ter novos significados, sentidos diferentes do habitual. Machado (1996) mostra a relação intrínseca e natural entre universo infantil e a linguagem poética, afirmando que é só por intermédio do jogo com as palavras que a linguagem poética se manifesta, transgredindo modelos de linguagem ditados pela vida cotidiana.

Nesse sentido, a linguagem se potencializa, se afirma e nutre-se, dando ao leitor/criança a sensação de que ela sempre pode mais, podendo ir além do que está escrito. Ela permite que a criança estabeleça relações com o mundo que a cerca, dando-lhe um novo sentido. Para mostrar a função emancipatória e libertadora da literatura, Souza (2011) declara:

A literatura estimula o desenvolvimento estético de cada pessoa, pois não explica o mundo como faz a ciência e a razão. Entretanto, por ser rica em intenções e fecunda em ambiguidades, ela tem o poder de aflorar

nostros sentimentos, o que gera o refinamento do nosso espírito e acarreta uma nova percepção sobre o mundo, as pessoas e as relações existentes (SOUZA, 2011, p. 152).

Acreditamos que a leitura para os anos iniciais deve proporcionar vivências leitoras significativas, assim como apresentar habilidades para que possa ampliar os conhecimentos do pequeno leitor. A criança dos anos iniciais não domina a escrita ou mesmo o ato de ler, logo, a responsabilidade está no educador, que precisa planejar quais metodologias aplicar para despertar o interesse e o desenvolvimento intelectual desses pequenos por meio das narrativas.

Vale destacar que quando lemos uma história para a criança, permitimos que esta também leia, mesmo utilizando outro sentido, nesse caso, a audição. Se pedirmos para recontar a história, certamente fará, mesmo não tendo o domínio da escrita, porque leu com os ouvidos e escreveu com a boca e, dessa forma, percebermos que compreendeu o sentido do texto.

As narrativas literárias infantis, sejam contos de fadas, fábulas, romances, narrativas curtas ou outros gêneros textuais, tornam-se indispensáveis para a formação leitora da criança. Elas podem oferecer à infância uma infinidade de caminhos para que a imaginação infantil possa flutuar, permitindo entretenimento e aprendizagem por meio da literatura.

Os personagens, a linguagem, os temas e as imagens são alguns dos elementos que devem estar inseridos no texto de forma a fazer o seu leitor viajar entre a construção das palavras, permitindo que este possa criar outros contextos, imagens e ações a partir do que o texto literário promove. Tudo isso dentro da imaginação da criança fará com que ela passe a construir, montar, sonhar, criar as imagens que desenharão o seu enredo mental, possibilitando uma interpretação extratexto, pois a criança além de interpretar o que está dito no texto, criará ações que ocasionem novas interpretações, novos pensamentos, novas inquietações, motivando-se, assim, a buscar novas narrativas.

Em relação a esses aspectos, vale a pena lembrar Cunha (2003), quando destaca que:

[...] é importante a narrativa linear, com tempo cronológico (e não psicológico), sem cortes e voltas ao passado (flash-back) ou a cenas paralelas, sem 'fluxos de consciência'. Os recursos narrativos mais adequados à criança costumam formar o conto ou o romance de ação, nos quais predominam a intenção de distrair, sem outro compromisso que o de narrar uma história interessante (CUNHA, 2003, p. 37).

A autora deixa evidente que as narrativas infantis não devem possuir uma intencionalidade que busque necessariamente uma consciência social ou um modelo a ser seguido, mas deve buscar distrair seu leitor. Para isso, a narrativa deve conter elementos que permita que a criança sonhe, imagine o que está a se passar na história, tendo, desse modo, sua imaginação aguçada.

Conforme afirmamos no início, há que se ressaltar que a Literatura Infantil deve estar livre de toda e qualquer finalidade formativa, devendo se mostrar emotiva, alegre, apaixonante, se quiser agradar ao pequeno leitor, afinal, ela (a literatura) já enuncia seu primeiro contato com a criança muito antes de seus leitores aprenderem a ler, começando pelo ato de as crianças ouvirem histórias contadas por mães, pais, avós, tias, irmãos, dentre outras pessoas que podem narrar histórias para esse público que não sabe ler ainda, mas que assim mesmo já se mostra um leitor ativo. Afinal, a literatura cumpre uma função social importante, conforme nos aponta Silva e Martins (2010):

Os gêneros literários talvez sejam dos mais significativos para a formação de um acervo cultural consistente. De um lado, como os textos literários costumam propositalmente trabalhar com imagens que falam à imaginação criadora, muitas vezes, escondidas nas entrelinhas ou nos jogos de palavras, apresentam o potencial de levar o sujeito a produzir uma forma qualitativamente diferenciada de penetrar na realidade (SILVA; MARTINS, 2010, p. 32).

Dessa forma, entendemos a importância que tem a literatura para a formação de leitores, uma vez que esta possibilita ao leitor uma forma de penetrar na realidade de forma lúdica, o que certamente trará mais encantamento à criança e, por extensão, ao leitor em desenvolvimento. Ou seja, a literatura incita a imaginação criadora do leitor, visto que essa arte costuma propositalmente trabalhar com imagens que falam à imaginação, aspecto que fundamentalmente deve ser contemplado quando se pensa em Literatura para crianças. Afinal, conforme observa Held (1980, p. 45), “[...] a criança prolonga uma visão animista, do mundo, que certamente existiu, mas que se torna, então... proteção, refúgio contra as exigências externas que atrapalham ou meio de se distrair quando se aborrece”. Assim, a criança, enquanto sujeito que ainda tem uma visão de mundo permeada de sonhos e fantasias, quando está diante do texto literário vai encontrar uma oportunidade de fugir de uma realidade sem a magia do brincar e da fantasia. A literatura, por si só, pode proporcionar esse imaginário à criança.

Vale ressaltar que consideramos indispensável a participação do educador enquanto mediador do processo de leitura literária na escola. Este deve compreender a necessidade e a realidade do público com o qual está trabalhando, para se ter ideia previamente do material que melhor cairá no gosto das crianças, em razão de estarem começando a penetrar no mundo fantástico da literatura. Sendo assim, vale a pena lembrar o que afirma Amarilha (1997) a respeito da condução da leitura:

Para adquirir a verdadeira autonomia na leitura, a criança não pode ser deixada a ler sozinha e sempre o mesmo nível de livros. O aprendizado da leitura é um ato social; ele resulta da interferência pedagógica de uma geração sobre a outra. Além disso, a educação não se dá sem esforço, pois ela deve combinar o trabalho do adulto e da criança (AMARILHA, 1997, p. 43).

Portanto, torna-se indispensável a ação de acompanhamento do educador. Sendo este um mediador, deve se comportar de maneira não impositiva em relação à leitura do texto literário, pois quando apresentada dessa maneira, tende a distanciar ainda mais o texto do leitor. Logo, deve se comportar como um adulto/mediador que ajuda no processo de fazer o aluno progredir na leitura das obras, tornando as aulas de leitura experiências prazerosas e cheias de significado para os leitores em formação, afinal, a presença da Literatura no ensino fundamental deve estar a serviço da educação da sensibilidade.

Posto isto, o presente artigo possui como objetivo central relatar uma experiência leitora desenvolvida com o gênero literário conto, na turma de nono ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Cônego Sandoval, localizada no município de Brejo do Cruz –PB. No período de desenvolvimento das atividades associadas ao PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) da UEPB/Campus IV/Católé do Rocha, durante o ano de 2019, foi identificado pelas bolsistas na etapa de observação do programa, que os referidos estudantes não tinham um contato significativo de leitura com o texto literário. Assim, na tentativa de promover uma interação frutífera entre texto literário e leitores, surgiu a necessidade da criação do Projeto de Leitura intitulado “Ler e escrever: uma viagem ao mundo da imaginação”.

Diante disso, sabemos que existem uma infinidade de narrativas que podem ser oferecidas como suporte de leitura para estudantes do Ensino Fundamental, mais especificamente pré-adolescentes e adolescentes, embora o mesmo não possa se dizer em relação à poesia. Mas como o alvo da nossa ação no Projeto de

Leitura se tratavam de alunos com pouca vivência de leitura, sobretudo do texto literário, resolvemos criar uma estratégia que aproximasse o estudante do universo literário, por isso, decidimos trabalhar com contos, por se tratar de narrativas mais curtas, que, a nosso ver, poderiam envolver e propiciar um encontro de prazer entre o texto e o leitor.

No que diz respeito aos aspectos metodológicos, este estudo constitui-se como um relato de experiência de natureza descritiva, com uma abordagem qualitativa. Para a coleta de dados, esta pesquisa utilizou como instrumentos de coleta de dados o questionário impresso e o diário de campo.

Os resultados obtidos indicam que o desenvolvimento do Projeto de Leitura na turma resultou em experiências satisfatórias, na medida em que aproximou os estudantes do texto literário conto e permitiu uma interação ativa na qual os sujeitos leitores puderam expressar as suas impressões, conexões e indagações perante o texto literário, ou seja, foram sujeitos críticos no processo de leitura. Portanto, por meio do Projeto de Leitura, os estudantes do nono ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental tiveram um contato significativo com o texto literário conto, e essa ação contribuiu para a formação leitora dos alunos, os quais, anteriormente, não eram familiarizados e nem afeiçoados à leitura de textos literários, talvez pela própria fragmentação pragmática da Literatura na sala de aula.

METODOLOGIA

No que concerne aos caminhos metodológicos, este estudo consiste em uma pesquisa aplicada de caráter descritivo. Segundo Gil (2002), a pesquisa descritiva tem como finalidade descrever um determinado fenômeno a ser analisado.

Quanto aos procedimentos técnicos, este artigo se concentra em um relato de experiência que é caracterizado, conforme Mussi, Flores e Almeida (2021), como um texto descritivo de experiências oriundas das práticas universitárias (projetos de ensino, extensão, estágios, dentre outras formações acadêmicas), considerado assim como “um tipo de produção de conhecimento” (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021, p. 65). Nesse sentido, as vivências relatadas de uma intervenção fazem com que outros pesquisadores e estudiosos interessados na temática tenham contato com o cenário relatado e possam experimentar e ampliar em um novo contexto a vivência descrita.

Portanto, o propósito deste estudo é relatar as vivências leitoras decorrentes do Projeto de Leitura com ênfase no texto literário conto, desenvolvido na turma de 9º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental de uma escola pública no interior da Paraíba. Esse Projeto de Leitura foi construído e materializado nas ações do PIBID.

Ademais, a demonstração e análise dos dados desta pesquisa qualificam-se como uma abordagem qualitativa, levando em consideração que os dados obtidos são de natureza descritiva e subjetiva. Conforme Gil (2002), a pesquisa qualitativa concentra-se em aspectos narrativos, cabendo ao pesquisador, ao adotar uma abordagem qualitativa, se aprofundar nos dados narrativos e realizar as interpretações dos dados obtidos.

Diante disso, os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa foram: questionário impresso e diário de campo. O questionário impresso foi manuseado com o objetivo de sondar a familiaridade dos estudantes com a leitura e suas possíveis vivências significativas com os textos literários. Segundo Vieira (2009), o questionário possibilita a obtenção de dados precisos e objetivos. Por outro lado, o diário de campo foi utilizado para registrar todos os acontecimentos e experiências decorrentes do Projeto de Leitura. De acordo com Cruz Neto (1994), o diário de campo é um instrumento de coleta de dados utilizado em pesquisas que visam focar na materialização de observações e fatos resultantes de uma ou mais ações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

RELATO DE UMA VIVÊNCIA LEITORA COM ALUNOS DO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Quando chegamos à Escola Municipal de Ensino Fundamental Cônego Sandoval, situada no município de Brejo do Cruz, sertão da Paraíba, para realização de um projeto de leitura vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/UEPB/Campus IV, nos deparamos com alunos que não tinham em sua experiência uma vivência leitora significativa de textos literários. Tal constatação se deu a partir de conversas informais que travamos com esses alunos e de uma sondagem que realizamos antes de iniciar a vivência de leitura que planejamos para partilhar com os alunos do nono ano do Ensino Fundamental, turma designada para o desenvolvimento das ações do Projeto.

Para tanto, inicialmente realizamos uma roda de conversa com os estudantes a fim de conhecer qual era o perfil do alunado em relação à leitura. Nesse primeiro momento, foi preparada uma dinâmica: inserimos previamente algumas perguntas dentro de balões para os alunos estourarem e lerem em voz alta as perguntas dispostas nas bexigas. As respostas tinham que estar em consonância com as experiências e vivências dos alunos com o universo literário. Dentre os questionamentos, foram colocadas perguntas como: com que frequência liam, sobre o que liam e sobre o que gostavam de ler. Ao longo da dinâmica, percebemos que uma considerável parte da turma lia textos literários apenas quando trabalhados dentro de sala de aula e quando estavam fora do ambiente escolar a leitura ficava restrita apenas às redes sociais; resumidamente **Whatsapp** e **Facebook**. Assim, quando questionados sobre o motivo da ausência de leitura dos textos literários, havia aqueles que diziam que não era um “hábito”, enquanto outros afirmavam veementemente que não gostavam de ler.

Durante a sondagem, foi questionado também sobre o incentivo familiar; ou seja, queríamos saber se havia incentivo dos pais para a leitura, se eles tinham um ambiente que favorecia a vivência leitora em seus cotidianos. Para a nossa constatação, ouvimos muitos “nãos”. Esta pergunta foi também lançada em uma pesquisa feita ao longo da fase inicial do projeto, nomeadamente fase (01), quando foi aplicado um questionário a 25 professores da Rede Municipal de ensino da cidade onde foi desenvolvido o projeto, visando entender, a partir dos seus relatos, quais eram as dificuldades mais vigentes no sistema educacional das escolas onde atuavam. Diante das proposições feitas aos docentes, o distanciamento familiar foi apontado por 19 deles como o principal desafio enfrentado nas escolas públicas da contemporaneidade, sobrepondo-se à falta de recurso e a desmotivação dos alunos. Com esta avaliação, a implicação da pesquisa nos forneceu aparato para a constatação da ausência de orientação familiar nas atividades iniciadas na escola, que pode influenciar também na falta de motivação e prazer dos discentes com a leitura.

Desse modo, compreendendo as lacunas de leitura que faziam parte da vida dos leitores daquela escola, bem como percebendo a influência limitada do universo tecnológico nos seus cotidianos, desenvolvemos um projeto voltado ao incentivo à leitura do texto literário, cujo título foi “Ler e escrever: uma viagem ao mundo da imaginação”. A proposta visava à incursão dos alunos ao universo literário, a partir de uma metodologia que buscasse envolver efetiva e afetivamente os estudantes junto ao texto. Planejamos num primeiro momento a realização de leituras compartilhadas,

seguida da exploração dos textos literários, resultando ainda num terceiro momento que propôs a vivência teatral de uma das narrativas lidas ao longo do projeto. A ideia era favorecer o contato com o lúdico, depois a discussão em torno do estético e, por fim, a vivência do texto corporificado por meio da encenação, na tentativa de fazer com que a experiência de leitura se tornasse uma atividade lúdica e marcasse a vivência dos alunos, contribuindo, dessa maneira, para a formação da história de leitura desses estudantes.

Durante a vivência do Projeto, que se deu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cônego Sandoval por um período de 7 meses, com início em abril de 2019 e finalizado em novembro do mesmo ano, contemplamos uma turma de nono ano do Ensino Fundamental que continha 35 alunos. Destacamos o trabalho realizado com a leitura de contos de Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e Machado de Assis, além de outros autores reconhecidos pela crítica e que trouxeram contribuições no contexto da Literatura Brasileira. Embora exista uma quantidade significativa de obras narrativas de qualidade voltadas ao público adolescente, diferentemente do que ocorre com a poesia, optamos por proporcionar aos alunos da vivência o contato com autores canônicos, por acreditar que muitas das experiências narradas nas obras desses escritores podem favorecer a ampliação do horizonte de leitura dos alunos em formação, particularmente os da Educação Básica e da Rede Municipal de Ensino.

INICIANDO A VIVÊNCIA LEITORA: O CONTATO COM O GÊNERO CONTO

Depois de apresentar a proposta geral do Projeto, com seus objetivos e metas, fizemos uma rápida exposição acerca da importância da leitura na vida do ser humano, paralelamente ligando os seus benefícios para a escrita e a sua contribuição na formação de alunos críticos e conscientes, capazes de reconhecer os seus direitos enquanto cidadãos para atuarem ativamente na sociedade.

Além disso, fizemos uma explanação acerca dos gêneros textuais, enveredando, num segundo momento, para a exposição do gênero conto, instante em que foi possível sondar dos alunos a frequência com que liam esse tipo de texto. Constatamos que a frequência de leitura deles se limitava ao livro didático, embora alguns alunos tenham lembrado que haviam trabalhado com contos de fadas na educação infantil.

Dando continuidade ao trabalho, a aula teve prosseguimento com a divisão da turma em grupos menores que foram convidados a ler alguns contos. A atividade foi orientada para ser feita de forma autônoma, de modo que cada grupo escolhesse um texto que mais lhes chamasse a atenção dentre aqueles que estavam expostos sobre a mesa do professor. Os alunos foram convidados a ler o texto selecionado e depois expor o seu entendimento sobre o conto lido, trazendo a sua impressão sobre a história. Ao final de cada apresentação, solicitamos que os alunos apontassem o que havia de comum entre os textos (a maioria eram contos) e todos foram unânimes em afirmar que se tratavam de narrativas. Muitos estudantes se pronunciaram dizendo que os textos apresentaram início, meio e fim, além de personagens, demonstrando ter assimilado algumas das informações que colocamos para eles ao definir o conto e apontar alguns dos seus elementos estruturais no início do encontro. Consideramos este momento como bastante proveitoso, uma vez que percebemos a atenção e o interesse demonstrados pelos estudantes, sobretudo quando apresentamos informações acerca do gênero conto que foram assimiladas por eles na medida em conseguiram identificar e apontar alguns dos elementos estruturais da narrativa.

DANDO CONTINUIDADE À VIVÊNCIA: O TRABALHO COM A LEITURA E A ESCRITA ATRAVÉS DOS CONTOS “VENHA VER O PÔR-DO-SOL” E “ANTES DO BAILE VERDE”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES...

Para dar prosseguimento ao trabalho com contos em sala de aula, selecionamos a narrativa “Venha ver o pôr do sol”, da escritora Lygia Fagundes Telles. A escolha partiu de alguns critérios: primeiro, por se tratar de um texto cuja linguagem se apresenta como aparentemente simples, sem rebuscamento que possa intimidar o leitor iniciante, além de possuir um título que aponta para uma expectativa que se quebra ao longo do desenvolvimento do enredo da história, aspecto que, a nosso ver, poderia chamar a atenção dos adolescentes e estimular o andamento da leitura.

Iniciamos o encontro retomando informações que já haviam sido expostas na aula anterior sobre o gênero conto, especificamente recuperando a diferença entre narrador e autor. Em seguida, distribuimos uma cópia do conto para os alunos e pedimos que se organizassem em uma roda (círculo) para uma leitura partilhada da narrativa de Lygia. Após a leitura, pedimos para os alunos falarem as

suas impressões sobre o texto, momento em que subitamente a maioria questionou se aquele era realmente o conto completo, se não haveria continuação, ficando evidente a reação de surpresa dos alunos diante do final trágico que tem essa narrativa. O conto trata da história de Ricardo e Rachel, um ex casal de namorados que se reencontram após um período de separação. Ricardo convida insistentemente Rachel para um reencontro, mas chegando lá a personagem é tomada pela súbita surpresa de o encontro ter sido marcado para acontecer em um cemitério. Recorrendo ao argumento de mostrar “o pôr do sol mais lindo do mundo” à ex companheira, Ricardo tranca Rachel em uma catacumba e cumpre a sua vingança de não aceitar o fim do relacionamento, deixando a ex companheira aos gritos no cemitério, sem que ninguém pudesse ouvi-la. Consideramos o momento de impacto na reação dos alunos como bastante importante na condução da proposta de leitura, pois coloca em evidência a necessidade de permitir que o aluno exponha seu posicionamento e participe ativamente do processo da leitura. Essa proximidade entre o texto e o leitor não costuma ser favorecida nas atividades propostas nos livros didáticos, cujas atividades costumam ser mecânicas e não valorizam o lúdico que é inerente ao texto literário.

A partir da insatisfação da maioria dos alunos sobre o final do conto, travamos uma discussão sobre as diferentes maneiras e os diferentes estilos com os quais os escritores se apropriam na escrita para contar uma história. Argumentamos que mesmo escrevendo sobre um mesmo gênero textual, a ordem dos elementos pode variar no texto, inclusive no seu desfecho, já que essa escolha pressupõe a intenção do autor com o texto e sobre o que ele quer provocar no leitor. Ou seja, deixamos claro que cada autor, enquanto sujeito único, tem uma maneira própria de ver o mundo, de acordo com as suas experiências pessoais, aspecto que se reflete na escrita.

Para finalizar, pedimos que os alunos dessem continuidade ao conto de forma oral e compartilhada, dando um final que julgassem adequado à história. Com isso, além de aguçar as suas imaginações, pudemos mais uma vez enfatizar as diferentes percepções que eles tinham perante uma única história e como eram diferentes uma da outra, considerando que são sujeitos com experiências de mundo diferentes.

Ao avaliar posteriormente o andamento dessa aula, concluímos que ao invés de ter proposto a criação de outro final para o conto de forma oral, poderíamos ter solicitado aos alunos a reescritura desse final por escrito, oportunidade para

explorar a produção escrita deles. Fica, portanto, como sugestão para outros colegas que quiserem ampliar a atividade de leitura em sala de aula a partir deste e de outros contos que tenham um final surpreendente.

Trouxemos para o próximo encontro o conto “Antes do baile verde”, de Lygia Fagundes Telles. Inicialmente, antes de propor a leitura compartilhada, questionamos aos alunos que expectativa o título do conto lhes sugeria. As hipóteses levantadas por eles foram na direção de se tratar de um baile à fantasia, realizado na floresta, no qual todos deveriam ir com roupas cuja composição correspondesse à cor verde.

Em seguida, houve a realização de uma leitura compartilhada, momento em que muitos alunos demonstraram surpresa diante da forma escancarada como o egoísmo foi apresentado na narrativa de Lygia. O respectivo conto traz um diálogo entre duas personagens, Tatisa e Lu, que pretendem participar das festividades de carnaval. Ao longo da narrativa, a empregada de Tatisa, Lu, foi submetida à tarefa de ajudá-la nos moldes finais de sua fantasia verde, mas durante o trabalho a ajudante relembra a Tatisa que o pai da moça está em estado terminal. Após a manifestação de consciência expressa por Lu, Tatisa insiste em desviar o foco da conversa, recuperando o súbito fluxo de consciência em alguns instantes durante a narrativa. O suspense da história, revelado pelo dilema da filha em saber se vai ou não à festa, provoca dúvidas e expectativas no leitor, uma vez que o mais esperado é ela desistir do baile para cuidar do pai. No entanto, o desfecho da narrativa apresenta uma quebra de expectativas no leitor, pois a atitude final de Tatisa é evitar o contato com a possível morte do pai, deixando com pressa o ambiente fúnebre para ir à festa.

Realizamos, depois da leitura do conto, um **debate** sobre a maneira como a literatura dialoga com a vida. No caso do conto em estudo, a analogia foi feita com a personagem principal, na tentativa de discutir como o egoísmo ainda é uma atitude presente nas relações humanas. Para finalizar a discussão, os alunos foram questionados sobre a forma como a temática exposta no conto se relacionava com o título. Nesse momento, eles destacaram a assertividade revelada no momento inicial da aula, quando responderam que haveria na história um “baile de roupas verdes”. Verificamos a empolgação dos estudantes por terem conseguido antecipar o momento, muito embora tenhamos identificado a surpresa que tiveram ao término da narrativa, quando foi revelado que o “Baile Verde” era o principal motivo para a história ser encaminhada a um desfecho trágico. Em síntese, constatamos mais uma vez a importância de estimular e conceder aos leitores um espaço para

manifestarem suas próprias impressões sobre o texto, para que a atividade de leitura seja envolvente, inclusiva e prazerosa.

O TRABALHO CONTINUA: DEBATE EM TORNO DE PERSONAGENS EM CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

Para introduzir a leitura dos contos de Clarice Lispector que foram selecionados para ler com os alunos da Escola Cônego Sandoval, levamos inicialmente a narrativa intitulada "Felicidade Clandestina". A princípio, foi feita uma leitura compartilhada do texto, acompanhada de um debate sobre a desigualdade social que havia entre as duas personagens principais, enfatizando o egoísmo da filha do dono de uma livraria que se negava a emprestar o livro a uma colega que desejava muito lê-lo. Sabendo da história e tendo consciência do comportamento egoísta da filha com a colega, a mãe repreende a filha e diz que a amiga pode ficar o tempo que quiser com o livro. Narrado em primeira pessoa pela personagem que desejava possuir o livro, a menina expressa a sua satisfação em ter o livro em mãos, escondendo-o só pelo prazer de encontrá-lo e tê-lo em mãos de novo, aspecto que justifica o próprio título do conto. O debate com a turma foi gerado a partir do comportamento egoísta da filha do dono da livraria, que reflete no fato de que muitas pessoas que possuem uma condição financeira mais elevada não partilham o que têm, basta olhar para as desigualdades presentes no Brasil. Dentre outras questões, dialogamos sobre o poder de transformação que a leitura tem na vida do sujeito, principalmente quando é reconhecida a sua importância.

Por fim, antes de terminar a aula, foi apresentada aos estudantes uma lista contendo alguns de nossos livros que foram disponibilizados para empréstimo, a fim de incentivar à leitura de outros textos e instigar nos discentes o protagonismo através do contato com textos mais longos e com obras completas. O objetivo da tarefa se pautou também em conduzi-los a uma experiência de leitura que transgredisse os muros da escola, na tentativa de estimular o prazer da leitura em casa, já que foi constatado a ausência desta no início da execução do projeto. Para a nossa satisfação, muitos alunos levaram os livros para casa, resultando em nós expectativas positivas sobre as sementes plantadas através da leitura dos textos literários que foram realizadas em sala de aula.

Para o segundo momento da leitura de contos de Clarice Lispector, selecionamos a narrativa "Uma Galinha". A abordagem se deu da seguinte maneira: foi

colocado no quadro um conjunto de palavras-chave correspondentes à estrutura do conto enquanto gênero textual (Introdução, desenvolvimento/complicação, clímax e desfecho), visando que posteriormente os alunos pudessem identificar cada elemento desse na história durante leitura. Em seguida, foi pedido para os discentes ficarem em círculo, de modo que todos pudessem visualizar a atividade e se agruparem para desenvolvê-la.

Colocamos as partes que compunham o conto de Clarice no chão, segmentadas e embaralhadas, para em seguida solicitar aos alunos que em grupo organizassem a ordem da narrativa, baseando-se nos seus conhecimentos sobre a estrutura do gênero textual. Depois dos estudantes terem ordenado a composição da história, pedimos para eles observarem as palavras-chave inseridas no quadro, pois elas lhes revelariam o próximo passo da tarefa. Assim, foi pedido para os alunos colarem os fragmentos do texto no quadro, identificando e respeitando a ordem das palavras-chave.

Após a colagem dos trechos, verificamos que os alunos inseriram corretamente os fragmentos na estrutura elencada pelas palavras-chave, demonstrando empolgação durante a dinâmica. Neste momento, observamos a importância dos estudantes se sentirem envolvidos e desafiados em tarefas que exijam efetivamente a sua participação. Ainda com a intenção de intensificar a posição de autonomia dos alunos perante o texto, pedimos para explicarem as razões que os levaram a fazerem determinadas escolhas e não outras para compor a lógica da narrativa. Com a conclusão desse momento, verificamos a compreensão e a clareza com a qual os estudantes identificaram a ordem dos elementos no texto, resultado este que nos deixou bastante satisfeitos.

Observando o desenvolvimento gradual e efetivo da turma nas leituras realizadas em sala, além da percepção mais amadurecida que havia sido construída em torno do elemento estético, percebemos que seria o momento ideal para avaliar e explorar a escrita dos estudantes. Foi solicitada, então, a primeira produção textual aos alunos, com a intenção de fazê-los “viagem ao mundo da imaginação através da escrita”. A orientação foi dada para que desenvolvessem uma narrativa cuja temática ficaria aberta para escolhas pessoais, cabendo a eles respeitar e pôr em prática a organização dos elementos estruturais que o gênero exige. Essa atividade exigiu um monitoramento mais efetivo de nossa parte, pois orientamos a reescrita da narrativa na tentativa de favorecer e aperfeiçoar as habilidades de escrita dos discentes quanto à produção textual. As produções finais dos estudantes resultaram

na elaboração de um caderno personalizado, o qual foi intitulado “Nas entrelinhas da imaginação”.

A CULMINÂNCIA DA VIVÊNCIA LEITORA: DRAMATIZANDO O CONTO “A CARTOMANTE”, DE MACHADO DE ASSIS

Levando em consideração o posicionamento defendido neste artigo de que o texto literário não deve servir de pretexto para outro tipo de abordagem que não seja o da leitura e do desenvolvimento de atividades lúdicas a partir de sua leitura, planejamos desenvolver a dramatização do conto “A cartomante”, de Machado de Assis. Cabe destacar que esse tipo de atividade é pouco explorada pelos autores dos livros didáticos, mesmo que seja um caminho favorável ao contato efetivo entre o estético (o texto) e o leitor (o aluno). No geral, segundo a nossa própria experiência de leitura vivenciada ao longo de 7 meses com os alunos do nono ano do ensino fundamental, esse foi o caminho para o envolvimento gradual da maioria dos alunos durante as atividades, que foram demonstrando interesse e participação. Vale salientar ainda que a dramatização possibilita aos estudantes a oportunidade de vivenciarem a história narrada de maneira lúdica, levando-os também a reflexão em torno da experiência vivenciada.

O conto “A cartomante”, de Machado de Assis, gira em torno da hipocrisia, adultério, assassinato e outros aspectos que dialogam com alguns temas dos contos de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles já exemplificados anteriormente. O conto se desenrola a partir três personagens, Rita, Vilela e Camilo; os dois primeiros personagens (Rita e Vilela) são casados, enquanto que Camilo é amigo de infância de Vilela, mas acaba se apaixonando por Rita e os dois vivem um romance às escondidas. O ponto de complicação da narrativa acontece quando Camilo passa a receber cartas anônimas de alguém que demonstra ter conhecimento do adultério do amigo. Após receber um bilhete de Vilela convidando-o para um encontro em sua casa, Camilo decide consultar uma cartomante. Depois de ter certeza que o amigo não havia descoberto o romance entre o casal, o amigo decide ir à casa de Vilela, momento em que a narrativa tem um desfecho surpreendente e trágico: Camilo se depara com Rita morta e recebe disparos de tiros vindos do amigo, resultando também em sua morte. Ao longo da conversa travada com os alunos, discutimos sobre como os personagens refletiam comportamentos próximos do mundo real, o que nos levou a uma reflexão em torno de alguns comportamentos humanos.

Desse modo, depois da leitura do conto de Machado, provocamos um diálogo em torno de temas como o feminicídio, a hipocrisia e o adultério, proposta que resultou num debate bastante significativo, sobretudo do ponto de vista da participação dos alunos. Em seguida, estes foram convidados a pensar na possibilidade de dramatização da narrativa, sugestão que foi aceita por todos. Desse modo, as aulas que se sucederam foram destinadas a ensaios para a dramatização do conto - tempo em que foi trabalhada a linguagem oral e corporal dos discentes.

Por fim, depois de alguns dias de ensaio, foi feito o convite aos pais e a toda comunidade escolar para assistirem à dramatização da turma, atividade que serviu de culminância às ações do projeto de leitura. Os alunos do 9º ano contaram com a participação de outras turmas para o momento que intitulamos de "Encontro literário". Além do Ensino Fundamental I (4º e 5º ano) e Fundamental II (6º ao 8º) decidimos também abrir a adaptação às turmas das séries iniciais da escola (pré I e II) na tentativa de oferecer também aos pequenos uma vivência lúdica a partir da contemplação da narrativa dramatizada. Como foi defendido no momento inicial deste artigo, os pequenos leitores, ainda em processo de amadurecimento, têm na vivência com o texto literário um momento de distração, sem quaisquer finalidades interpretativas, e, neste caso, foi percebido que durante a dramatização, apesar de não estarem familiarizados com este tipo de texto, eles demonstraram curiosidade e divertimento ao verem os colegas da escola caracterizados e incorporando novas atuações. Nesse aspecto, acreditamos e corroboramos o que Held (1990) afirma em relação ao contato da criança com o imaginário: "a criança prolonga uma visão animista do mundo". Daí a importância de favorecer na escola momentos lúdicos como esse.

Por outro lado, os alunos das turmas mais avançadas, ao assistirem à dramatização, demonstraram surpresa ao final da apresentação, ficando evidente a percepção dramática que tiveram sobre o final imprevisível da história. Consideramos esse momento de encontro entre as classes de suma importância, pois abriu espaço para outras turmas conhecerem e vivenciarem de forma lúdica o texto literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período de atuação na Escola Municipal de Ensino Fundamental Cônego Sandoval, a abordagem com o gênero literário conto nos permitiu vivenciar

junto aos alunos do nono ano momentos de escuta, partilha e novos aprendizados por meio da literatura. Consideramos que foi um período de mediação bastante significativo e proveitoso, uma vez que a partir dessa emancipação construída pelos alunos frente ao texto literário houve diálogo e crescimento que favoreceram o processo de ensino-aprendizagem.

Em outra perspectiva, como vem sendo defendido ao longo deste artigo, o livro didático é um instrumento que priva o professor de uma abordagem mais livre, autônoma e significativa, que vise o incentivo e a participação dos alunos em sala de aula. É antes uma perspectiva de ensino que tem como objetivo obter respostas cristalizadas dos alunos frente ao texto, com a função limitante de verificar se o pensamento do discente corresponde à exigência do questionário estagnado presente no livro. Vemos, com isso, uma abordagem que limita a imaginação do aluno, na qual poderia ser aguçada ao longo de uma leitura prazerosa. Com essa tentativa tradicional e falha de apresentar o texto literário ao discente, a literatura não cumpre a sua função emancipatória e corre o risco de ser interpretada pelos estudantes como uma tarefa enfadonha e sem sentido. Com esse método impositivo e simplista, o que era para ser um momento marcado pelo entretenimento, prazer, descoberta e possibilidades de transformação a partir do texto literário, acaba atrapalhando o processo de formação leitora.

Com isso, se tratando do texto literário, como vem sendo colocado em nossa discussão, o caminho mais viável a ser pensado é criar estratégias que possam estimular o envolvimento do professor e do aluno na tarefa de explorar do texto, não usando o texto literário como pretexto, mas como oportunidade de incentivar o protagonismo e a criticidade do sujeito por meio da literatura. Nesse sentido, defendemos uma proposta de ensino que esteja aberta a participação dos alunos, abarcando as suas impressões e subjetividades frente ao texto, pois acreditamos que o diálogo quando associado à leitura e à imaginação podem favorecer a formação humana e literária do aluno. Sendo assim, apresentamos ao longo deste artigo, propostas de reflexões e abordagens que podem ser úteis para os professores de Ensino Fundamental incluírem em suas aulas, na tentativa de estimular uma educação libertadora que abra espaço para o diálogo, a partilha e a imaginação dos alunos.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão Mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. *In*: COSSON, Rildo; MACIEL,

Francisca; PAIVA, Aparecida (org). **Literatura**: ensino fundamental. Brasília: MEC, 2010.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51-66.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: teoria e prática. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus, 1980.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 30 ago. 2023.

SILVA, Márcia Cabral da; MARTINS, Milena Ribeiro. Experiências de leitura no contexto escolar. *In*: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (coord.). **Literatura**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2010.

SOUZA, Renata Junqueira. **Leitura literária na escola:** reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários.** São Paulo: Atlas, 2009.